

A RELEVÂNCIA DO APRENDIZADO DO GREGO PARA A FORMAÇÃO E EXERCÍCIO DO MINISTÉRIO PASTORAL NA ATUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE AS CAUSAS DA FALTA DE CONHECIMENTO DO GREGO BÍBLICO ENTRE PASTORES BRASILEIROS

William Tenório Quintela¹

Resumo

O presente artigo parte da pesquisa bibliográfica em busca de confirmação sobre a importância do idioma grego para formação teológica, bem como para o exercício do ministério pastoral. Após registro dos resultados encontrados pela pesquisa, segue-se uma análise da realidade do conhecimento do grego e seu uso por parte dos pastores brasileiros. Entre a exposição da pesquisa e a realidade do conhecimento do grego entre os pastores descobre-se um paradoxo. Quais seriam as causas do abismo entre a asseveração da importância do conhecimento desse idioma para o exercício do ministério e a quase inexistência do seu domínio e emprego no dia a dia do ministério pastoral? As hipóteses aqui apresentadas compreendem as influências da pós-modernidade, a realidade educacional brasileira e também as dificuldades inerentes ao aprendizado do idioma grego. A relevância do presente tema é assegurada na perspectiva da contribuição e encorajamento para a mudança do cenário atual.

Palavras-chaves: Grego; Humanidades; Ministério Pastoral; Paradoxo; Dissonância cognitiva; Pós-modernidade.

Abstract

This article initiates from a literature search in order to confirm the importance of the Greek language for theological training, as well as pastoral ministry practice. After recording the results found by the search, follows the analysis of the reality of Greek knowledge and its use by the Brazilian pastors. Between exposure to the research and the reality of knowledge of Greek among pastors, it is found a paradox. What are the causes of the gap between the assertion of the idiom's importance and the almost nonexistence of the dominion and use of it in daily pastoral ministry? The hypothesis presented here includes the influence of post-modernity, the Brazilian educational reality, and the difficulties inherent in learning the Greek language. The relevance of the present subject is ensured by the perspective of the contribution and the encouragement to change the current scenario.

Keywords: Greek; Humanities; Pastoral Ministry; Paradox; Post-modernity; Cognitive dissonance.

¹ Mestre em teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR); Especialista em Docência do Ensino Religioso pela FABAPAR; Graduado em Teologia; Graduado em Formação de Docente para a Educação Básica – Letras; Professor e Diretor de Teologia no Seminário Teológico Batista do Estado de São Paulo (STBSP); Professor Graduação e Pós-graduação e Diretor Acadêmico da Faculdade Teológica Batista de São Paulo (FTBSP); Área de pesquisa : LXX, língua, história e cultura grega, período alexandrino, semiótica discursiva.

Introdução

O presente artigo compreende, como tarefa principal do pastor, o ensino das Escrituras Sagradas. Segundo a constatação de inúmeros estudiosos, e dos grandes nomes eclesiásticos do passado e do presente, como Lutero, Calvino, Wesley, fica clara a relevância do estudo do grego para a formação e prática do ministério pastoral. Todavia, de que forma o conhecimento desse idioma poderia ajudar na formação dos pastores e qual seria sua aplicação no dia a dia do ministério?

A necessidade fundamental de se justificar a importância do aprendizado do idioma grego para a formação e exercício do ministério cristão, a priori parece desnecessária, tendo em vista o fato de ter sido o grego o idioma usado para o registro do texto neotestamentário. Contudo, o que se observa é que a declaração da importância do grego por parte dos pastores não condiz com o conhecimento que possuem, nem com o uso que esses mesmos pastores fazem desse idioma. Surgem então as questões: Seria ainda necessário o conhecimento do grego para o seminarista de nosso tempo? Por que razão os pastores brasileiros nas últimas gerações não têm se dedicado ao estudo do grego, conforme proposto pelos grandes pastores do passado que são tidos como exemplos e inspiração para o exercício do ministério hoje? Qual seria a causa desse paradoxo e dessa dissonância cognitiva?

A busca de respostas a essas questões conduz este artigo a investigar, de forma acurada, tanto a relevância quanto a realidade da leitura do Novo Testamento Grego por parte dos ministros cristãos (pastores, professores, líderes etc.). Diante dos resultados obtidos na pesquisa bibliográfica, apresentam-se as principais causas para o paradoxo entre o

reconhecimento da relevância do estudo e leitura do Novo Testamento grego e a ausência dessa prática. Ao término, o presente estudo propõe possíveis medidas para a mudança dessa realidade.

1 A relevância do conhecimento do grego para o ministério pastoral

A pesquisa bibliográfica sobre a importância do conhecimento do idioma grego contribui de forma multifacetada¹ na formação e educação necessárias para um pastor. As contribuições advindas do aprendizado do idioma grego para a formação pastoral podem ser divididas em dois grandes campos. Em primeiro lugar, contribui em muito para a criatividade intelectual e em segundo, contribui de forma prática para a formação específica do pastor, isto é seu conhecimento das Escrituras Sagradas.

1.1 Sobre a contribuição geral

O primeiro campo de contribuição está enquadrado naquilo que se convencionou chamar de Humanidades. “Historicamente, as humanidades preocupam-se com o conhecimento crítico sobre arte, filosofia, indivíduo, cultura, economia, poder, etc.” Lahuerta (2011). Segue Horta:

Assim, quando nos voltamos para o idioma grego antigo, nele encontramos um instrumento de comunicação e de expressão intelectual e artística do mais alto nível, a serviço de um povo privilegiado, por efeito de suas superiores qualidades criadoras e especulativas – os gregos ou helenos, como os conhecemos tradicionalmente. (1991, p. 15)².

Em artigo intitulado A língua grega como base da criatividade intelectual, o ex-reitor da Universidade de Atenas, George Babiniotis (1999), explica a importância do idioma grego na contribuição da formação cultural. Ao estabelecer a relevância do grego para os conceitos básicos da civilização europeia, Babiniotis apresenta várias evidências, entre elas a enorme presença de palavras gregas na formação da maioria dos idiomas europeus. De acordo com Francisco Rodriguez Adrados (1922) da Universidade Complutense de Madri, o grego possui uma segunda vida, e essa se encontra em seu vocabulário, sintaxe e literatura presentes em quase todos os idiomas. Walter (1997, p.46), em seu texto, ainda completa a ideia de que “Para as línguas do mundo ocidental, é como se as raízes gregas fossem um bem comum.”

Servindo como base para o surgimento da Filosófica, e do pensamento crítico, o grego contribui para que o estudioso de qualquer área do conhecimento tenha um posicionamento mais crítico em relação ao mundo que o cerca, o que também é indispensável no caso do pastor e do teólogo. A alta precisão³ do grego, que advém da riqueza do sistema de declinação (casos e verbos), proporciona a possibilidade de expressão de ideias abstratas e complexas. A precisão é um elemento importante do grego que o estabelece na posição de base da criatividade intelectual.

Ademais, pela forma como emprega prefixos, infixos, e sufixos, junto ao tema principal

para formação das palavras, o estudo do vocabulário grego desenvolve no aluno a capacidade de perceber melhor a formação das palavras também em seu próprio idioma. O brasileiro conhecedor do grego passa a ter a capacidade de analisar as palavras da língua portuguesa não como nomes próprios indivisíveis, mas como compostos que revelam um sentido semântico bem mais profundo. Por exemplo, a palavra proparoxítona deixa de ser apenas a terminologia usada para descrever as palavras de que recebem acento agudo na antepenúltima sílaba, mas um composto de quatro elementos – pro (antes) / para (ao lado) / oxí (agudo) / tonos (acento) – tendo cada um desses elementos uma importante informação semântica. Dessa forma as palavras acabam falando por si próprias, revelando seu sentido oculto e isso certamente é uma importante ajuda no entendimento dos termos de qualquer ciência, principalmente da teologia. Assim, o grego ajudará o pastor a desenvolver sua capacidade de expressão, sua percepção de detalhes, e reconhecimento de padrões.

A busca pelo conhecimento cria a necessidade de precisão e esta, por sua vez, alimenta a sede pela busca do conhecimento. Nessa relação tese/antítese, o pastor que conhece bem o grego terá, sem dúvidas, não só uma melhor capacidade de compreensão dos textos bíblicos e da terminologia teológica, mas também a possibilidade de exercer o uso do intelecto de forma criativa.

²O grego concebe a realidade proporcionando ao leitor uma leitura que não é só decifração do texto, mas desloca a realidade da linguagem que o constitui. Sua precisão encontra-se em sua gramática, sintaxe, semântica, proporcionando ao estudioso o alcançar de uma visão mais aguçada de outros idiomas, bem como ajudando na percepção da realidade que o cerca. Uma boa abordagem do tema é encontrada nos estudos de George Demetrius Babiniotis, como por exemplo: The Greek Language as a Basis of Intellectual Creativity <http://www.babiniotis.gr/wmt/webpages/index.php?lid=2&pid=7&catid=M>

³A precisão alcançada na língua grega na antiguidade fica evidente pela sua classificação gramatical que acrescenta ao gênero o neutro, ao número o dual (a expressar seres ou coisas em dupla, casal ou par, unidade consorciada a outra e dois elementos). Mas acima de tudo por seu sistema verbal (com ênfase no aspecto), e seu sistema nominal.

1.2 Sobre a contribuição específica

O segundo campo de contribuição que o grego ajuda a florescer na vida do pastor é aquele que lhe permitirá ter maior autoridade na proclamação das verdades eternas contidas nas Escrituras Sagradas. Este é o campo das Ciências Teológicas, no qual o conhecimento do grego é básico para inúmeras disciplinas, tais como a exegese, a hermenêutica, a apologética, a teologia sistemática etc. Para se entender o valor do estudo das línguas bíblicas para o ministério pastoral, ajuda lembrar que isso foi fortemente enfatizado por Lutero, Calvino, Zuínglio, Tyndale, Wesley, Owen, Robertson, e tantos outros pastores consagrados. Nesse sentido, Osborne (2009) destaca a importância da compreensão das línguas originais e do conhecimento de suas respectivas culturas:

A bíblia não foi revelada por ``língua de anjos``. Apesar de inspirada por Deus, foi escrita em linguagem humana e dentro dos limites impostos por culturas igualmente humanas. Pela própria natureza da linguagem, as verdades unívocas da Bíblia são redigidas em linguagem analógica, isto é, as verdades absolutas das Escrituras estão encapsuladas dentro das línguas e culturas humanas dos antigos hebreus e gregos, e, por isso, devemos entender essas culturas para interpretar os textos bíblicos de maneira adequada. (Osborne, 2009, p.28-29).

A afirmação de Osborne ajuda a entender melhor a necessidade de decifrar as Escrituras através da mediação das línguas humanas, isto é, aquele que se dispõe a lê-las precisa dominar os mecanismos de decifração do conteúdo na língua original e também aqueles da tradução na própria língua. Nas palavras do

reformador Lutero, encontramos a distinção entre um obreiro capacitado para o trabalho da interpretação do texto, e aquele que não o está:

Há uma grande diferença entre um simples pregador da fé, e uma pessoa que expõe as Escrituras... Quando se trata de interpretar as Escrituras, e trabalhar nelas por si próprio, e disputar com aqueles que a citam de forma incorreta, ele é inadequado para a tarefa, pois isso não pode ser feito sem as línguas ``originais``. (Lutero, 1524, p.360).

Embora deixando clara a importância do idioma neotestamentário para o pastor, no papel de mestre das escrituras, afirmações como as de Osborne e Lutero conduzem à necessidade de uma explicação mais detalhada, sobre o *modus operandi* do grego bíblico no exercício do ministério pastoral. É fato que o conhecimento firme do grego irá gerar a capacidade de interpretar a Bíblia a partir dos originais, e determinar com mais segurança o verdadeiro significado de uma passagem bíblica. Essa capacitação, por sua vez, tornará o pastor confiante para trazer ao seu rebanho uma mensagem com maior autoridade bíblica. Finalmente, a mensagem resultante de uma exegese bem-feita livrará o pastor da imprecisão e equívocos exegéticos, e evitará que ele tenha que preencher o tempo da pregação com generalidades enfadonhas.

Assim como Lutero, Calvino também defendia a importância do conhecimento das línguas bíblicas. Calvino acreditava firmemente em um pastor com boa formação educacional, e que parte dessa erudição consistia em dominar as línguas da escritura. Para John Wesley (1872, p. 492), o conhecimento das línguas bíblicas

era tão fundamental ao pastor, a ponto de considerar a falta dele um motivo de vergonha. Muitas outras citações que ressaltam o valor do conhecimento da língua grega, tanto como contribuição singular à formação intelectual do pastor, como também para uso corrente no ministério de interpretação e exposição das Escrituras Sagradas, poderiam aqui ser apresentadas. Diante desse valor assegurado por tantas vozes de expressão que tem servido como exemplo para pastores ao longo da história da igreja, esperar-se-ia que o conhecimento e uso do grego bíblico entre os pastores fosse algo comum. As evidências apontam que, entre os pastores brasileiros, esse tem sido um conhecimento muito mais periférico do que central.

2. O reconhecimento da importância do conhecimento do grego entre os pastores brasileiros

As estatísticas existentes sobre pastores brasileiros nada apresentam sobre o conhecimento do grego. Todavia, pode-se identificar claramente no meio da igreja evangélica brasileira, quatro posicionamentos básicos entre os pastores no que tange seu sobre o aprendizado e uso do grego bíblico.

Há um primeiro segmento em que se enquadram aqueles que entendem ser totalmente desnecessário o aprendizado e uso das línguas originais, no ministério pastoral. O fato de a Bíblia já existir na língua portuguesa e ser usada há inúmeros séculos parece assegurar a esses pastores a inutilidade do grego. Piper (2009) menciona a questão com as seguintes palavras:

No princípio, os pais da igreja, com frequência se equivocavam, pois desconheciam as línguas. Mas, em

nossos dias, existem aqueles que, como os valdenses, não acreditam que as línguas possam ter alguma utilidade; embora sua doutrina seja boa, muitas vezes erram a respeito do verdadeiro significado dos textos sagrados; visto que não possuem armas contra os equívocos cometidos, tendo o receio de que sua fé não permaneça pura. (Piper, 2009, p.103)

Osborne (2009) também trata dessa questão em os seguintes termos:

Hoje, o grande problema do estudo da Bíblia é que achamos que isso deve ser mais simples do que outras coisas que fazemos... Por que achamos que a Bíblia é o único material que não precisamos estudar?! (Osborne, 2009, p.30).

Um segundo segmento que pode ser identificado, reúne aqueles pastores que reconhecem a importância do grego, mas que lamentam não o saibam. É natural que a pessoa que não conheça as línguas originais da Bíblia tenha mais dificuldades para lidar com a gramática e sintaxe... Osborne (2009, p.70). Muitos são os pastores no Brasil que não tiveram a oportunidade de fazer um curso superior de teologia, só tendo um curso básico sem a disciplina de grego bíblico. Há ainda aqueles que não possuem ao menos um curso básico.

Em um terceiro segmento são identificados aqueles que possuem esse conhecimento instrumental do grego, e que fazem uso do idioma, sendo capazes de manejar dicionários, léxicos, chaves-linguísticas, comentários, e demais ferramentas exegéticas. Em Shadow of the Almighty, percebe-se que Jim Elliot (1958) começou seus estudos do grego de forma um

pouco relutante, tentando entender o valor dessa língua. Ao passar do tempo, Jim foi se tornando cada vez mais cômico da importância do idioma, dedicando-se cada vez mais, e melhorando muito seu conhecimento do grego, chegando a dizer: “O grego perde muito de sua capacidade quando alguém o conhece pouco.” Elliot (1958, p.82). O exemplo da dedicação de Jim Elliot mostra de forma clara que o aprendizado do grego é contínuo, uma vez que sempre há o que aperfeiçoar. Além disso, esse é um conhecimento altamente necessário e útil.

Finalmente, há um último segmento que enquadra aqueles pastores que conseguem fazer a leitura do texto grego com certa fluência. Um exemplo aqui já mencionado, e que vale ser detalhado, é o do reformador suíço João Calvino, que possuía o conhecimento tanto do grego como do hebraico. Calvino dominava ambos os idiomas bíblicos a ponto de ir para o púlpito, e fazer a exposição das escrituras direto dos textos em grego e hebraico, sem o auxílio de notas ou comentários.

3. As possíveis causas do presente paradoxo

Várias são as causas do paradoxo que surge entre a confirmação da importância do conhecimento da língua grega para o ministério pastoral e a falta desse conhecimento entre os pastores brasileiros. Entre elas encontram-se a influência da chamada pós-modernidade, a realidade educacional de nosso país e ainda as dificuldades pertinentes ao aprendizado de idiomas. Essas possíveis causas precisam ser analisadas de maneira mais detalhada.

Como tem sido visto, a confirmação da relevância do conhecimento do grego bíblico para o desempenho do ministério do ensino das escrituras, não encontra contrapartida

por parte da maioria dos pastores brasileiros. Todavia, esse não é só um fenômeno nacional. Em ensaio escrito em 1918, J. Gresham Machen já alertava a esse fato entre pastores do EUA. Ele apontou duas principais causas que acreditava contribuir para o crescente distanciamento entre o ministro e seu Novo Testamento grego:

A primeira objeção é nada mais que uma manifestação da bem conhecida tendência na educação moderna de rejeitar as humanidades em favor de estudos que sejam obviamente mais úteis, uma tendência que é plenamente pronunciada, tanto nas universidades como nos seminários teológicos. Em muitas universidades o estudo do grego está quase abandonado; portanto, não surpreende tanto que os graduados não estejam preparados para usar seu Novo Testamento grego... Em segundo lugar, o ministro ordenado está negligenciando o seu Novo Testamento grego porque ele está se tornando menos interessado em seu N.T, e em geral menos interessado em sua Bíblia. (Machen, 1918, p.1).

3.1 Os desafios da pós-modernidade

Machen (2013) percebeu de antemão que o conceito de educação pragmática somente capacitava o homem a viver, mas não lhe dava instrumentos que tornariam a vida digna de ser vivida. Ele via que o ministro havia deixado de ser um especialista nas escrituras para se tornar um mero administrador geral dos assuntos da congregação. O fenômeno que Machen identificou no início do século XX é muito mais evidente hoje quando o pensamento pós-moderno está em plena atuação. Alguns dos valores que estão presentes na pós-modernidade e a caracterizam, tais como

o imediatismo, hedonismo, relativismo e pragmatismo, certamente não contribuem para a valorização das Humanidades e para formação de alunos aptos a responder as demandas do aprendizado das letras clássicas.

3.2 A educação brasileira: um caso à parte

Se a pós-modernidade afeta pastores do mundo todo, há questões que afetam mais os pastores brasileiros. Ao buscar entender a dificuldade do aprendizado do grego por parte dos pastores brasileiros, deve-se levar em conta a sua formação escolar. A realidade brasileira na área da educação conhece de perto questões como o analfabetismo funcional, o baixo índice de leitura por pessoa, o escasso investimento em educação, a falta de valorização do magistério, etc. No Brasil, o fato de um aluno ter chegado ao ensino superior não pode ser tomado como sinônimo de alfabetização plena. Segundo o relatório do Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF), “quanto aos que ingressaram ou concluíram o Ensino Superior, 96% são considerados Funcionalmente Alfabetizados, mas apenas 34% alcançaram o nível Proficiente”. Diante do relatório do INAF fica evidente o nível de letramento do estudante brasileiro⁴.

3.3 A escolaridade dos evangélicos

O nível de escolaridade entre os evangélicos deixa claro uma necessidade da conscientização da igreja acerca da importância da educação, pois, 58,12% não possuem o ensino fundamental completo, 20% têm somente o ensino fundamental, 19,44% concluíram o secundário, e somente

5,56% possuem o ensino superior. Índices tão baixos de escolaridade evidentemente não afetam só o curso de teologia, mas qualquer outro curso. Essa é a realidade com que se depara o professor de qualquer disciplina, inclusive os professores de grego e hebraico. Além dos desafios impostos pelo desempenho da educação no Brasil existem também aqueles que são pertinentes ao campo da linguística, ou seja, ao aprendizado de idiomas, especificamente aos idiomas clássicos.

3.4 Exigências do aprendizado da língua grega

O grego não é uma das línguas mais difíceis de ser aprendidas pelo seminarista brasileiro, pois o português é uma língua que tem, além do latim, origem no grego. No entanto, não há como dizer que o aprendizado das línguas bíblicas acontece sem dificuldades, e sem a necessidade de muita dedicação. Horta (1968) explica as perplexidades que assaltam aqueles que iniciam o aprendizado de um novo idioma:

Ao iniciarmos o estudo de um novo idioma, muitas são as perplexidades que nos assaltam, não só decorrentes da própria estrutura da linguagem humana, tão variável em suas múltiplas manifestações, mas também por efeito, com frequência, de certa resistência psicológica. É a reação que a nossa mente oferece, involuntariamente, ao esforço do desbravamento que exige a penetração de qualquer língua ainda desconhecida. (Horta, 1991, p.15).

Entre as principais demandas do aprendizado

⁴ INAF BARSIL 2018. Resultados Preliminares. Disponível em: https://alfabetismofuncional.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Inaf2018_Relato%CC%81rio-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf Acesso em 21/11/2023.

da língua grega encontram-se:

a) Tempo – Imaginar que é possível aprender o grego apenas adquirindo uma gramática e um dicionário e realizar consulta superficial de vez em quando é ilusão.

b) Dedicação – Diz respeito à qualidade do tempo empregado no estudo. O aprendizado do grego requer tempo de pesquisa e prática de exercícios.

c) Perseverança – Muitas vezes, o estudante do grego sentir-se-á desmotivado, como em uma longa maratona. Inúmeros autores tratam dessa questão, alertando e encorajando seus alunos. ``Se você ainda não estudou grego, deixe-me contar como é. No primeiro dia de aula, tem muita gente, mas quando se acaba, só ficou um remanescente. Chander e Wilson (2013, p.172). A perseverança é fundamental para vencer a distância entre a percepção de um ponto gramatical e sua assimilação.

d) Conhecimento da língua materna - Pela terminologia e conceitos apresentados nas gramáticas e métodos do grego, o aluno necessitará do conhecimento da língua portuguesa e se familiarizar com os conceitos básicos de linguística.

e) Sistema de pronúncia correto – Embora a pronúncia artificial criada por Erasmo de Roterdã seja utilizada no Brasil, o sistema de pronúncia mais adequado ao ensino do grego nos seminários deveria ser o histórico, pois é o resultado do processo evolutivo da língua grega através dos anos. Essa pronúncia que é viva, natural e continua sendo utilizada pelos gregos hoje, facilita o aprendizado, proporcionando ao

aluno uma leitura com ritmo, cadência e fluência. Sobre esse ponto haveria muito a dizer, mas os limites do presente trabalho não permitem. O tratamento adequado do tema se encontra na obra de Chris C. Caragounis (2006), *The Development of the Greek and the New Testament*.

f) Suficiência de créditos – Um ou dois semestres não são suficientes para transmitir o conteúdo básico da matéria.

As hipóteses aqui apresentadas sobre as causas do presente paradoxo evidenciam as dificuldades que o ensino do grego enfrenta em nossos dias. Pós-modernismo, baixa qualidade do ensino brasileiro, baixa escolaridade entre os evangélicos, e os desafios próprios do aprendizado de idiomas são questões que devem ser levadas em consideração ao se pensar no preparo de pastores que possam ser capazes de ler o novo testamento grego e focar a pregação expositiva do Novo Testamento.

Considerações finais

Diante dos ensinamentos sobre a língua grega por parte dos importantes pastores cristãos ao longo da história, a conclusão que se chega é que o conhecimento do grego é muito importante para a formação intelectual do pastor e seu manejo das Escrituras. Conclui-se também que no conflito modernidade x pós-modernidade, é preciso lembrar que a vocação pastoral é antes de tudo celestial e por isso não pode ser encapsulada por uma época histórica, seja ela qual for. O texto sagrado é o registro do Eterno, por isto podem passar os tempos e as épocas, mas, a Sua palavra permanece eternamente (Isaías 40:8). O chamado pastoral é para pastorear ovelhas e alimentá-las com o alimento eterno, para isso o pastor precisa ir direto à fonte do alimento: o texto sagrado

em sua língua original. Encorajar e desafiar os pastores e seminaristas brasileiros a superar os obstáculos no aprendizado do grego bíblico não é uma tarefa só de professores da matéria, mas uma cultura a ser resgatada por toda igreja. A orientação de Paulo a Timóteo há quase dois mil anos não perdeu o seu valor: “Procura apresentar-te aprovado diante de Deus, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2 Timóteo 2:15).

Referenciais Bibliográficos

ADRADOS, Francisco Rodriguez. A history of the Greek language: from its origins to the present. Danvers, USA: Brill Academic Publis, 1922.

BABINIOTIS, George. The Greek language as a basics of intellectual creativity. University of Athens, 1999.

ELLIOT, Elisabeth. Shadow of the Almighty. 1. ed. New York: Harper & Brothers Publishers, 1958, p. 37-89

HORTA, Guida Nedda Barata Parreiras. Os Gregos e seu idioma. 4. ed. Rio de Janeiro: 1991, p.15-108.

WALTER, Henriette. A Aventura das Línguas no Ocidente. São Paulo: Mandarin,1997, p. 29-52

CARAGOUNIS, Chrys C. The Development of Greek and The New Testament. Michigan: Baker Academic, 2006

CHANDLER, Matt; WILSON, Jared. O Evangelho Explícito. São Paulo: Editora Fiel, 2013, p.173.

LUTHER, Martin. Works of Martin Luther: to the councilmen of all cities in Germany that they establish and maintain Christian schools.

Disponível em: https://godrules.net/library/luther/NEW1luther_d9.htm acesso em: 21/11/2023.

LAHERTA, Milton, <https://autopoiesevirtu.blogspot.com/2019/04/por-que-defender-as-humanidades.html>, acesso em 28/02/2025.

MACHEN, J. Gresham. The Minister & His Greek Testament. EUA: 2013. Disponível em: <https://opc.org/machen/MachenGreek.html> . Acesso em: 21/11/ 2023

OSBORNE, R. Grant. A Espiral Hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 25- 197.

PIPER, John. Irmãos, nós não somos profissionais. São Paulo: Shedd Publicações, 2009, p. 97-104.